

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DO TURISMO

**ACESSIBILIDADE EM MUSEUS: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA FÍSICA DO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DE PARANAGUÁ - PR**

MATINHOS
2014

ISABELE RODRIGUES DE PAULA

ISABELLY SABINO PRUDLIK

**ACESSIBILIDADE EM MUSEUS: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA FÍSICA DO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DE PARANAGUÁ - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao eixo pedagógico Projeto de Aprendizagem VI como requisito parcial à conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profª Drª Helena Midori Kashiwagi

MATINHOS
2014

*Dedicamos este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente em
nossa formação acadêmica.*

AGRADECIMENTOS – Isabele

Sou infinitamente grata a Deus, por sempre me guiar e proteger em meus caminhos e escolhas.

Aos meus pais Luiz e Rose e minha irmã Patricia que sempre me apoiaram nos estudos e nas escolhas tomadas.

Ao meu namorado Fablicio por sempre me incentivar e compreender nos momentos difíceis.

Aos meus colegas da turma Gestão de Turismo 2010, especialmente a Bianca, Carol e Isabelly, pelo apoio, pelos momentos de aprendizagem e de descontração que compartilhamos durante o curso.

A orientadora Prof^a. Dr^a Helena Midori Kashiwagi que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho e nos estendeu a mão em um momento difícil.

AGRADECIMENTOS – Isabelly

Primeiramente a Deus, pois sem ele nada seria possível.

Aos meus pais, Adevanil e Osmar, e ao meu irmão Fernando, por sempre me apoiarem e incentivarem.

Ao meu namorado Rhuan, por me ajudar com os livros, me compreender nos momentos de estresse, e me apoiar. Aos Professores pelos ensinamentos.

As amigas que conheci no curso de Gestão de Turismo 2010, Bianca, Carol e Isabele, pelo companheirismo, pelos momentos de descontração, e aos demais colegas da turma pelos momentos de aprendizagem.

Ao motorista da van, Evanildo pelas caronas até a Universidade.

A Prof^a Dr^a. Helena Midori Kashiwagi, por aceitar orientar nosso Trabalho de Conclusão de Curso com tão pouco tempo, mas que com sua competência conseguiu nos guiar ao ponto exato.

*“Deficiência é não enxergar nas pessoas, as suas
verdadeiras eficiências.”
(Ronne Paulo de Magalhães)*

APRESENTAÇÃO

O tema do Trabalho de Conclusão de Curso “Acessibilidade do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá” não foi uma escolha feita desde o início do curso. A única coisa que se sabia era de que Isabele e Isabelly seriam parceiras nessa caminhada, pois, sempre fizeram os trabalhos dos módulos juntas, aulas de campo, projetos e outras atividades do curso. No início do curso tinham como prioridade o Projeto de Aprendizagem com o tema de “Revitalização da Estação Ferroviária de Paranaguá”, pois a estação de trem é uma das edificações mais antigas da cidade e costumava atrair muitos turistas que vinham de trem à cidade. O trabalho não foi concluído pela dificuldade em se conseguir informações na Prefeitura Municipal, levando a desistência do mesmo.

O segundo projeto foi também sobre a estação com o tema “Proposta de restauro da estação ferroviária de Paranaguá” cujo intuito era propor ideias de reforma, de conforto e de instalação de lojinhas de souvenirs, cafeterias, etc. Esse projeto de aprendizagem foi finalizado, e a seguir começou-se o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema escolhido foi “A criação de um roteiro turístico cultural em Paranaguá”. Com o passar do tempo, viu-se que o trabalho não daria certo pois não haveria tempo hábil para pesquisar com a devida qualidade toda a riqueza cultural e histórias da cidade. Essa temática exigiria um tempo que não tínhamos disponível e dessa forma surgiu a ideia de fazer uma pesquisa sobre “Acessibilidade”, mas acessibilidade em que local ou lugar? Optou-se, então, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá – MAE, pois recebe muitos visitantes, dentre os quais alguns são portadores de algum tipo de deficiência, seja, física, auditiva, visual e mental. Por este motivo, surgiu assim o interesse em se aprofundar nesses conhecimentos sobre “Acessibilidade em Museus”.

Com esse novo tema de pesquisa, o orientador na época Prof Marcelo Chemin recomendou a mudança de Professor Orientador, pois se tratava de um assunto fora de seu domínio. Mesmo com o prazo apertado para concluir o TCC a Profa Helena Midori Kashiwagi aceitou orientar esse novo Projeto de Aprendizagem, devido sua formação em Arquitetura e conhecimento na área de acessibilidade, tornando essa pesquisa de fato concreta.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as atuais condições do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá – PR (MAE), no que se refere à acessibilidade para pessoas com necessidades especiais que o visitam, visto que o mesmo está aparentemente equipado para facilitar o acesso e dar autonomia às pessoas com necessidades especiais e idosas. Mesmo diante da aparente acessibilidade no MAE surge a dúvida se realmente os visitantes conseguem se locomover com autonomia e se têm acesso a todos os espaços da estrutura física. A fundamentação teórica embasou-se na legislação sobre acessibilidade, no direito do cidadão ao turismo e ao lazer e no diagnóstico da acessibilidade no MAE. A metodologia de pesquisa consistiu em visita *in loco*, levantamento fotográfico e questionário aplicado aos visitantes. O grupo de entrevistados foi constituído de moradores e turistas com idades variadas. Como resultado buscou-se conhecer a opinião dos visitantes em relação ao tema e se estavam satisfeitos com a acessibilidade no Museu. Ao final, essa pesquisa mostrou que apesar das benfeitorias realizadas no MAE para atender as condições de acessibilidade, ainda há deficiências na acessibilidade para os deficientes visuais. Nessa investigação tornou-se possível identificar algumas deficiências na estrutura física, as quais serão informadas à Direção do Museu para que a acessibilidade se torne plena nesse espaço cultural.

Palavras chave: Acessibilidade. Museu. Paranaguá. Necessidades Especiais.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Rampa de acesso em um estacionamento de um condomínio	18
FIGURA 2: Museu de arqueologia e etnologia de Paranaguá – PR.	28
FIGURA 3: Imagem aérea do museu	29
FIGURA 4: Entrada do MAE.....	30
FIGURA 5: Saída do museu.....	31
FIGURA 6: Ruas do entorno do museu.....	31
FIGURA 7: Janela do museu.....	32
FIGURA 8:Foto tirada da janela do museu.....	33
FIGURA 9:Sistema de prevenção de incêndio.	34
FIGURA 10:Uma das salas do museu com a exposição “África”	35
FIGURA 11: Escadas do museu.....	41
FIGURA 12: Placas de sinalização dentro do museu	42
FIGURA 13: Banheiros do museu	44
FIGURA 14: Foto das rampas de acesso dentro e na entrada do museu.....	45
FIGURA 15: Foto dos informativos do museu	47
FIGURA 16: Fotos das salas do museu	48
FIGURA 17: Elevador do museu.	49

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: A origem dos visitantes do Museu.....	36
GRÁFICO 2: Gênero dos visitantes entrevistados e quantos deles possuem algum tipo de deficiência.	37
GRÁFICO 3: Idade dos visitantes que responderam a pesquisa.....	37
GRÁFICO 4: Relação dos visitantes que conhecem e não conhecem o termo acessibilidade.	38
GRÁFICO 5: Se os visitantes estão satisfeitos com a acessibilidade no museu e se o mesmo está apto para receber deficientes.....	39
GRÁFICO 6: Avaliação dos itens do museu em relação a acessibilidade.	39

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Atendimento prioritário.....	20
TABELA 2: Atendimento adequado às pessoas que utilizam cadeira de rodas.....	21
TABELA 3: Atendimento adequado às pessoas com deficiência auditiva.....	22
TABELA 4: Atendimento adequado às pessoas com deficiência visual.....	23
TABELA 5: Atendimento adequado às pessoas com deficiência mental.	24
TABELA 6: Atendimento adequado às pessoas idosas.....	24
TABELA 7: Grupos dos atrativos turísticos.....	27

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Objetivos.....	14
1.1.1 Objetivo geral	14
1.1.2 Objetivos específicos.....	14
1.2 Justificativa	14
1.3 Metodologia	14
2. LAZER E TURISMO NA SOCIEDADE	15
3. ACESSIBILIDADE.....	18
4. O OBJETO DE ESTUDO: MAE.....	28
4.1 Análise do MAE	33
4.2 Resultado e análise da pesquisa realizada no museu.....	35
4.2.1 Escadas.....	40
4.2.2 Sinalização	42
4.2.3 Banheiros	43
4.2.4 Rampas.....	45
4.2.5 Informativos.....	46
4.2.6 Salas	48
4.2.7 Elevador	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6. REFERENCIAS	52
7. ANEXOS.....	55

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar as atuais condições do MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) de Paranaguá, no que se refere à acessibilidade para pessoas com necessidades especiais, o qual recebe muitos visitantes com regularidade, sendo alguns deles com algum tipo de deficiência, seja, física, auditiva, visual e mental. A pesquisa apresenta os principais aspectos de uma estrutura física que dificulta o direito de todo cidadão de se locomover, sentir, ler, ver e ouvir as obras em exposição dentro de um museu. Essa dificuldade de acessibilidade está presente em vários estabelecimentos públicos ou privados, em todo o território nacional. Isto se deve a falta de cumprimento da legislação atual, na qual todos os cidadãos com alguma deficiência física têm os mesmos direitos. É dever do Estado, dos empreendedores, empresários, respeitar essa lei e incluir as pessoas com deficiência na sociedade.

Todas as pessoas, entre as quais se incluem algum tipo de deficiência, tem direito ao acesso, à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho. Essas áreas contribuem para inserção social, desenvolvimento de uma vida saudável e de uma sociedade inclusiva (PAGLIUCA et. al, 2007).

Para tratar do tema “Análise da acessibilidade do Museu de arqueologia e etnologia de Paranaguá”, como instrumento de investigação foi realizada a pesquisa bibliográfica de livros, artigos científicos, internet e conhecimentos adquiridos ao longo do curso, abordando assuntos relacionados ao turismo na sociedade e acessibilidade afim de contribuir para melhor entendimento do presente trabalho, questionário aplicado a 30 visitantes, para saber se o museu está apto para receber pessoas com deficiência, se esses visitantes conheciam o termo acessibilidade e o que eles achavam da acessibilidade presente no museu. Durante as pesquisas em campo foi feito também o registro fotográfico das barreiras encontradas e também das adaptações que até o presente momento já foram feitas afim de avaliar se estas estão de acordo com o conforto de pessoas com necessidades dentro do museu.

Por fim, esta pesquisa nos traz informações importantes sobre a acessibilidade em museus e o quão é investigar *in loco* e conhecer o olhar do

visitante sobre a acessibilidade. Identificar se realmente a acessibilidade está sendo cumprida em sua totalidade e se os direitos de igualdade estão sendo respeitados.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as atuais condições do MAE, no que se refere à acessibilidade para pessoas com necessidades especiais que o visitam.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar os fatores e as atuais condições que limitam e facilitam a acessibilidade no MAE.
- Realizar visitas e entrevistas no MAE, para conhecer e saber a opinião dos visitantes em relação à acessibilidade.
- Apontar medidas que melhorem a acessibilidade para todas as deficiências físicas, para que todos tenham as mesmas oportunidades em todos os espaços.

1.2 Justificativa

O MAE, sendo um dos pontos turísticos de Paranaguá, recebe pessoas de diferentes cidades durante o ano, dentre as quais estão grupos escolares, grupos da terceira idade e famílias em férias. Dessa forma, o Museu precisa estar preparado para receber todos os tipos de visitantes, adequando sua estrutura física para dar conforto para pessoas com mobilidade reduzida, com rampas e elevadores para as pessoas com dificuldades de locomoção, instalação de corrimão nas escadas e faixas antiderrapantes nos pisos para maior segurança, material em braille para as pessoas com deficiência visual, instalações sanitárias com banheiro adaptado, as bancadas ou vitrines com exposições com altura adequada para crianças e pessoas cadeirantes.

1.3 Metodologia

A presente pesquisa foi realizada por meio de visita técnica *in loco*, levantamento fotográfico, pesquisas teóricas de direito do cidadão ao turismo e lazer, legislação sobre acessibilidade, questionário com perguntas estruturadas e abertas. A amostragem foi composta de 30 pessoas visitantes do museu, oriundas de diferentes cidades, dentre as quais 36,6% eram moradores de Paranaguá, e os outros 63,4% não moradores, turistas visitando a cidade. No questionário (anexo) utilizado perguntou-se a estas pessoas se elas conheciam o termo acessibilidade, o que seria para elas a acessibilidade, se estavam satisfeitas com a acessibilidade no museu, se o museu estaria apto para atender todos os deficientes. Solicitou-se aos entrevistados para avaliarem os itens do museu em relação à acessibilidade como sendo ótimo, bom, regular e ruim. O questionário continha 9 perguntas, as 4 primeiras serviram para conhecer o perfil do entrevistado e as demais com perguntas específicas sobre o tema do trabalho.

Dentre essas 30 pessoas que aceitaram responder o questionário, um era deficiente visual e as outras 29 pessoas não possuíam nenhuma deficiência. Além das entrevistas foi feito um levantamento fotográfico registrando a situação atual do museu, permitindo-se analisar com maior riqueza de detalhes os espaços do museu.

2. LAZER E TURISMO NA SOCIEDADE

Pesquisas arqueológicas mostram que o turismo começou há 13 mil anos com grupos humanos de Pirineus franceses que viajavam até o mar e retornavam ao seu local de origem. (LEAKEY, 1985 *apud* BARRETO, 2003 p.44).

“Diversos autores, entre eles De la Torre, MachIntire e Lévy, situam o nascimento do turismo no séc. VIII a.C., na Grécia visto que as pessoas viajavam para assistir aos jogos Olímpicos a cada quatro anos; outros acreditam que os fenícios foram seus criadores, por terem inventado a moeda e promovido o comércio e a expansão marítima comercial no Mar Mediterrâneo “ (BADARÓ, 2002, p.60).

Segundo Paiva (1995), o tempo livre foi associado aos ganhos dos trabalhadores, ao tempo liberado pelo progresso econômico e preenchido com atividades, o turismo e o lazer enfatizam como elemento dinâmico de

desenvolvimento cultural, como um exercício de liberdade e criatividade e para grupos gera um fator de integração social, o indivíduo viaja com grupos de pessoas diferentes do seu ciclo social.

Segundo Dias e Aguiar (2002), as viagens existem desde quando começaram a se formar as primeiras sociedades. Sendo estas motivadas por razões de obtenção de alimentos, de busca de regiões mais favorecidas para o cultivo, ou por outros motivos, como políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos. De acordo com Montejano (2001) o fenômeno do turismo está vinculado diretamente com o tempo livre e com a cultura do lazer.

Para Bahl (2004) o lazer é considerado um dos pilares de sustentação para o turismo, pois, estas duas atividades se mesclam, o turismo pode ser interpretado como uma forma de lazer, assim como, pode-se utilizar parte do tempo de lazer para a prática do turismo.

De acordo com o livro didático que corresponde à disciplina Teoria Geral do Turismo, em relação ao Turismo no Brasil, pode se afirmar que:

- No Brasil o turismo como fenômeno social começou depois de 1920.
- O turismo surgiu vinculado ao lazer e nunca teve cunho de aventura ou educativo, como se pôde verificar na Europa.
- A partir da década de 1950, um grande número de pessoas passa a viajar, todavia esse movimento não se caracteriza como sendo um turismo de massa, pois não é toda a população que pode usufruir de tal atividade.
- De uma maneira geral o turismo é mais acessível à camada de alto poder aquisitivo da população, que realiza viagens de médias e grandes distâncias, sendo que o transporte mais utilizado é o aéreo.
- Já as camadas de menor poder aquisitivo da população, que não têm acesso irrestrito às atividades turísticas, muito por causa da situação econômica do país, fazem uso do transporte rodoviário para as suas excursões de pequena e média distância.

Afirma Badaró (2002, p. 279), que “pertencendo ao mundo do lazer e da cultura, o turismo preenche funções sociais múltiplas e tende a tornar-se um bem primário, ou seja, um bem que faz parte do mínimo indispensável ao homem”. Na medida em que o trabalhador foi ganhando, lentamente, mais tempo em relação

à jornada de trabalho, podemos perceber outros conteúdos para o tempo liberado, além do descanso. Deste modo, o trabalhador será possuidor de um tempo no qual se recupera fisicamente e de um tempo no qual utiliza seus graus de liberdade para exercer atividades de sua escolha. Surge o tempo livre. Esse tempo livre do trabalho preenchido por atividades discriminacionais é que resulta no lazer (SANTINI, 1993, p.23-24)

O direito ao turismo e lazer significa direito de descanso, ao tempo de liberdade, de deixar de lado as obrigações diárias.

“O direito de todos ao turismo deve ser visto como consequência do direito ao descanso e ao tempo livre e, em particular, a uma razoável limitação da duração do trabalho e as licenças periódicas pagas conforme garantido no artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e no artigo 7.1 do Pacto Internacional relativo aos direitos econômicos, sociais e culturais.” (BADARÓ, 2002, p.142).

Para Ferraz Junior (1988, p. 25 *apud* PINTO NIETO, 2004, p.11) “...o encontro com o direito é diversificado, às vezes conflitivo e incoerente, às vezes linear e consequente”. O direito deveria ser algo tão fácil e simples, e cada cidadão deveria conhecer, saber de fato os seus direitos.

Todos sabem que têm direitos e deveres, assim como turismo e o lazer, todos, independente de classe social, cor, raça, se é deficiente ou não, todos tem o direito de desfrutar do turismo e do lazer, todos devem ter acesso a isso e ninguém pode lhes impedir, porém, muitos não podem desfrutar do turismo como forma de lazer.

“Observa-se que para a grande parcela dos que sobrevivem no subemprego e com jornadas de trabalho irregulares, em virtude do processo de achatamento salarial, mesmo para aqueles que percebem acima do piso de dois salários mínimos ficam cada vez menores as chances de praticar o lazer turístico. A prioridade é dada a outras necessidades básicas – habitação, alimentação, transporte etc. -, que por sua vez não tem sido alvo de políticas sociais mais eficazes por parte do Estado.” (MENEZES, 2005, P.38)

Portanto, percebe-se, que nem todos os tipos de lazer estão acessíveis da mesma forma para todos os grupos sociais, este acesso é prejudicado na maioria das vezes pelo fator renda.

Saúde, trabalho, lazer, segurança e aposentadoria digna são direitos sociais, que todas as pessoas têm assegurado pela Constituição do Brasil. Durante séculos as pessoas com deficiência eram excluídas da sociedade e nas últimas décadas elas começaram a ser incluídas e as lutas por direitos iguais ficaram mais fortes, a acessibilidade começou então a ser discutida tanto na sociedade quanto no governo, e passa a ser uma obrigação para que todas as pessoas possam ter o direito de desfrutar do lazer, turismo e trabalho (BRASIL, 1988).

3. ACESSIBILIDADE

Entende-se como acessibilidade por tornar acessível e seguro o local ou algo que a pessoa com necessidade especial precise, que facilite para essa pessoa andar na rua ou qualquer outro lugar com uma cadeira de rodas, muletas ou bengala, algo que ajude aqueles que não podem andar, ouvir, ou ver. O elevador nos ônibus ou prédios, os corrimões nas escadas, as portas mais largas, os banheiros com corrimão e pias mais baixas, a rampa que ajuda quando se tem algum degrau e a placa em braile, que facilita a identificação. Enfim, são muitas outras coisas que passamos e algumas vezes nem percebemos, ou nem sabemos o que possa ser, ou no que possa ajudar (BRASIL, 2006, p.10).

De acordo com Dischinger e Bins Ely (2006), existem quatro componentes da acessibilidade, a partir dos quais é possível avaliar o nível de acessibilidade do ambiente construído. São eles: Orientação, deslocamento, uso e comunicação.



FIGURA 1: Rampa de acesso em um estacionamento de um condomínio
FONTE: As autoras (2014)

Conforme pode se observar na Figura 1, a acessibilidade está no nosso cotidiano, na rampa, ou calçada, que facilita a subida de um cadeirante ou pessoa com mobilidade reduzida. A rampa ou elevador são essenciais nos locais, cujo acesso se dá somente por escadas.

Apesar da grande importância no tema acessibilidade até pouco tempo não era comentado e discutido, e muito menos colocado em prática, pois, ainda hoje, nos deparamos nas ruas com falta de rampas de acesso nas calçadas, sinalização em braile, banheiros públicos destinados a deficientes etc.

Por falta de fiscalização, nem todas as medidas que garantem a acessibilidade são cumpridas, apesar das diversas legislações e políticas públicas que garantem esse direito.

De acordo com o Decreto – lei 5296 de 02 de dezembro de 2004 Cap. III, Art 8º da Presidência da republica a acessibilidade é:

“...condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida”

Segundo Ferreira (2004, p.30) acessibilidade é qualidade de acessível, facilidade na aproximação, condição de acesso aos serviços de informação, documentação e comunicação, por parte de portador de necessidades especiais.

De acordo com o manual de orientações de turismo e acessibilidade em relação ao atendimento prioritário, devem ter atendimento imediato e diferenciado as pessoas com deficiência e as com mobilidade reduzida (Decreto nº. 5.296/2004).
Contemplando a tabela 01:

	Assentos de uso preferencial sinalizados, espaços e instalações acessíveis;
Deficientes físicos e pessoas com mobilidade reduzida	Mobiliário de recepção e atendimento obrigatoriamente adaptado à altura e à condição física de pessoas com cadeira de rodas conforme estabelecido nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT;

	Disponibilidade de área especial para embarque e desembarque;
	Sinalização ambiental para orientação das pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida;
	Divulgação, em lugar visível, do direito de atendimento prioritário;
	Locais de atendimento adequado.
Deficientes visuais e auditivos	Serviços de atendimento para pessoas com deficiência auditiva, prestado por interpretes ou pessoas capacitadas em Língua Brasileira de Sinais – Libras, pessoas surdo-cegas, prestado por guias interpretes ou pessoas capacitadas nesse tipo de atendimento;
	Pessoal capacitado para prestar atendimento às pessoas com deficiência visual, mental, e múltipla, bem como às pessoas idosas;
	Sinalização ambiental para orientação das pessoas com deficiência;
	Admissão de entrada e permanência de cão guia ou cão guia de acompanhamento junto de pessoa com deficiência ou de treinador nos órgãos da administração pública direta, indireta e fundacional, as empresas prestadoras de serviços públicos bem como nas demais edificações de uso público e naquelas de uso coletivo, mediante apresentação da carteira de vacina atualizada do animal.

TABELA 1: Atendimento prioritário

FONTE: Manual de orientações de turismo e acessibilidade (2006).

A tabela 01 mostra as condições adequadas para suprir as necessidades das pessoas com deficiência física, visual, auditiva ou com mobilidade reduzida. As tabelas a seguir (02, 03, 04, 05 e 06) mostram o modo adequado para atender as pessoas com deficiência.

Pessoas que utilizam cadeira de rodas	Ao falar com uma pessoa em cadeira de rodas, procure situar-se de frente e numa mesma altura da pessoa, sentando-se, por exemplo: Pergunte ao usuário se quer alguma ajuda, dirigindo-se sempre a ele e não ao acompanhante, se for o caso;
	Para descer uma rampa é preferível usar a “marcha ré”, para evitar que, pela excessiva inclinação, a pessoa desequilibre e possa cair para frente;
	Para auxiliar a subir e descer de um meio de transporte não adaptado: Coloque a cadeira de rodas freada, paralela ao veículo, para maior segurança é conveniente a ajuda de duas pessoas, uma para segurar o tronco (axilas) e a outra para segurar as pernas, logo abaixo do joelho;
	Para subir: deve-se posicionar a pessoa de costas para o degrau ou porta do veículo, conduzindo-o para o interior;
	Para descer: deve-se adotar o mesmo procedimento, sendo que quem segura pelas pernas deve descer primeiro, apoiado por quem segura pelo tronco.

TABELA 2: Atendimento adequado às pessoas que utilizam cadeira de rodas
 FONTE: Manual de orientações de turismo e acessibilidade (2006).

A tabela 02 mostra o atendimento adequado às pessoas que utilizam cadeira de rodas, mostra a melhor maneira de falar com elas, de descer com a cadeira de rodas em rampas inclinadas, a como transportá-las para dentro e fora de um veículo não adaptado, evitando assim acidentes.

A tabela 03 mostra o atendimento adequado às pessoas com deficiência auditiva, indica a melhor maneira de conversar com a pessoa, de compreendê-la e a melhor forma e fazer-las nos compreender sem dificuldades.

	Procure não ficar nervoso diante de uma pessoa que tem dificuldade para falar;
	Compreenda que o ritmo e a pronúncia dessas pessoas são distintas e não aparente ter compreendido uma mensagem, se não entendeu, peça para que a pessoa repita, caso ainda não a entenda peça-lhe que escreva

Pessoas com deficiência auditiva	Faça com que a pessoa enxergue a boca de quem está falando. A leitura dos lábios fica impossível se for gesticulada com algo na frente ou contra a luz;
	Fale com o tom normal de voz, a não ser que lhe peçam para levanta-la;
	Seja expressivo. Como eles não percebem as mudanças sutis do tom da voz, a maioria deles “leem” as expressões faciais, os gestos ou os movimentos corporais para entender o que se quer comunicar;
	Ao desejar falar com uma pessoa com deficiência auditiva, chame a atenção dela sinalizando com a mão ou tocando-lhe o braço;
	Caso a pessoa esteja acompanhada, fale diretamente com ele.

TABELA 3: Atendimento adequado às pessoas com deficiência auditiva.

FONTE: Manual de orientações de turismo e acessibilidade (2006).

A tabela 04 mostra o atendimento adequado às pessoas com deficiência visual, indica a melhor maneira para guiar a pessoa, que conforme a tabela é dando-lhe o braço para que a mesma possa acompanhar o seu movimento, lembrando-se de sempre avisá-la de quando houver algum obstáculo, de como conduzi-lo a uma cadeira, evitando possíveis acidentes.

	Ao dirigir-se a alguém com deficiência visual, identifique-se sempre;
	Ao guia-la dê-lhe o braço para que a mesma possa acompanhar seu movimento e não a deixe falando sozinha

Pessoas com deficiência visual	Ao conduzi-la a uma cadeira guie a mão para o encosto, informando se a cadeira tem braços ou não;
	Com pessoas que possuem baixa visão (sérias dificuldades visuais) proceda com o mesmo respeito, perguntando-lhe se precisa de ajuda se notar que ela está com dificuldades;
	Informe a pessoa quando estiver passando por um obstáculo qualquer, evitando assim possíveis acidentes;
	Ao apresentar alguém com deficiência visual, faça com que a pessoa apresentada fique de frente à pessoa com deficiência visual, de modo que ela estenda a mão para o lado certo.

TABELA 4: Atendimento adequado às pessoas com deficiência visual.

FONTE: Manual de orientações de turismo e acessibilidade (2006).

A tabela 05 mostra o atendimento adequado às pessoas com deficiência mental, de como cumprimentá-la, o que deve ser evitado e de como falar com pessoas com essa deficiência.

Pessoas com deficiência mental	Cumprimente a pessoa com deficiência mental normalmente, evitando superproteção;
	A pessoa com deficiência mental deve fazer sozinha tudo o que puder, ajude-a quando realmente for necessário;
	A deficiência mental pode ser consequência de uma doença, mas não é, é uma condição. Nunca use expressões como doentinho e outras;
	Não trate adolescentes e adultos com deficiência mental como criança;

	Fale devagar e transmita mensagens claras;
	Evite comparações. Uma pessoa só pode ser comparada a ela mesma.

TABELA 5: Atendimento adequado às pessoas com deficiência mental.

FONTE: Manual de orientações de turismo e acessibilidade (2006).

Pessoas idosas	Ao dirigir-se a um idoso comunique-se com atenção, olhando na expressão facial e nos olhos;
	Identifique se o idoso apresenta boa comunicação verbal e não verbal;
	Dê atenção, saiba ouvir e demonstre compreensão no processo de comunicação com o idoso;
	Identifique se o idoso apresenta deficiências visuais, auditivas ou motoras;
	Auxilie o idoso nas suas dificuldades para ter acesso aos diversos meios de comunicação;
	O idoso deve ser tratado como adulto;
	Chame o idoso pelo nome.

TABELA 6: Atendimento adequado às pessoas idosas

FONTE: Manual de orientações de turismo e acessibilidade (2006).

A tabela 06 apresenta o atendimento adequado às pessoas idosas, de como trata-las, dando atenção, sabendo ouvi-las, e fala que se deve identificar se o idoso apresenta deficiências visuais, auditivas e motoras, melhorando assim o atendimento e auxiliando no que preciso for sem dificuldades.

O Art. 2º do Código Mundial de Ética do Turismo diz:

"As atividades turísticas devem respeitar a igualdade entre homem e mulheres, devem tender a promover os direitos humanos e especialmente os direitos particulares de grupos especificamente

crianças, idosos, deficientes, minorias étnicas e os povos autóctones.”(BOITEUX, 2003, p. 113)

O Turismo é uma atividade capaz de reunir pessoas de diferentes regiões, culturas e idiomas, porém, em relação a acessibilidade, essa atividade não está ao alcance de todos, pois muitos atrativos não são adaptados para receber pessoas com algum tipo de deficiência.

A questão do turismo inclusivo no Brasil é de muita relevância, uma vez que ele pode ser utilizado como uma ferramenta para diminuir as desigualdades sociais, através de suas atividades que proporcionam educação, lazer e cultura e os meios para que as pessoas portadoras de necessidades especiais possam dela participar. Essas atividades turísticas possibilitam o respeito às diferenças e necessidades de cada indivíduo, independentemente de suas limitações, aliando harmonia e respeito às comunidades e locais visitados (LAGES; MARTINS, 2006).

Sasaki (2003) diz que a: “qualidade de vida é um princípio que passou a ser discutido associado ao movimento de inclusão social das pessoas reconhecidamente excluídas dos direitos de participação na sociedade”. Neste ponto, é possível constatar que se o local se torna acessível para todas as pessoas, e conseqüentemente elas se sentirão mais confortáveis, sentindo – se incluídas na sociedade, podendo participar de atividades que até um tempo atrás não faziam parte de seu cotidiano.

Atualmente algumas empresas já acordaram para esta realidade, procurando tornar acessível o turismo para todos, outras, investem muito em marketing e propaganda e não investem na necessidade do turista com deficiência.

De acordo com Ruschmann (2002), quando se trata da segmentação do mercado para deficientes, a questão envolve muitas discussões, porque, para que o deficiente possa desfrutar das mesmas oportunidades, é primordial que haja condições, tanto de profissionais para atender quanto de mudanças na arquitetura. No entanto, em muitos casos é negada essa possibilidade de acesso aos produtos ou atrativos turísticos. Existem muitos tipos e graus de deficiências, desde a mobilidade, que variam desde o caso de pessoas mais velhas com dificuldades para subir escadas a pessoas confinadas em cadeiras de rodas; outras com dificuldades de visão e/ou auditivas.

As ofertas de produtos e serviços turísticos para pessoas com necessidades especiais e mobilidade reduzida estão aumentando, inclusive no Brasil. Tal fato pode ser observado em algumas companhias aéreas brasileiras que proporcionam atendimento personalizado com equipes treinadas e orientadas para PPD. Cadeiras de rodas especiais, cartilhas de emergência em braile, entre outras adaptações, são encontradas. Porém, a falta de intérpretes em linguagem libras, a ausência de sinalização em braile e a falta de informação adequada nos atrativos e infraestrutura de apoio turístico abalizam as barreiras comunicacionais. Há que se observar, também, que os equipamentos turísticos não contemplam as limitações físicas e psíquicas de PPD proporcionando total dependência (HENRIQUE; LIMA, 2004).

Portanto, percebe-se que o turismo não está acessível para todos os deficientes em geral, pois, por muitas vezes ele torna-se acessível para cadeirantes, mais deixa de estar acessível para cegos e surdos. Neste sentido as empresas precisam encontrar uma maneira de tornar seus atrativos acessíveis para todas as deficiências, não apenas para uma ou outra.

Os atrativos são um dos principais elementos que levam um indivíduo ao interesse de conhecer um determinado lugar. Segundo Leiper (1990), “os viajantes se deslocam da região de origem até o destino turístico, porque ali é onde encontram os atrativos que desejam conhecer”.

As atrações são indiscutivelmente um dos componentes mais importantes do sistema turístico e podem ser os principais fatores motivacionais para as viagens constituindo o núcleo do produto turístico (Swarbrooke, 1995).

Segundo Ignarra (2003), Um museu sobre um fundador da cidade pode ter muita importância para seus habitantes e nenhuma para os visitantes. Um determinado santuário religioso pode ter grande atratividade para adeptos de uma religião e nenhuma para outras.

Neste ponto, é possível constatar que os atrativos estão relacionados com as motivações de viagens dos turistas e no interesse pessoal das mesmas.

Segundo Oscar de la Torre:

“O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou

saúde, saem de seu local de residência habitual para outro no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada gerando múltiplas, inter-relações de importância social, econômica e cultura.”

De acordo com o Manual de Inventário do Ministério do Turismo (2006), podemos identificar os atrativos turísticos nos seguintes grupos:

Atrativos Naturais	Atrativos culturais	Atividades econômicas
Montanhas; Planaltos e planícies; Costas ou litoral; Terras insulares; Hidrografia; Fontes hidrominerais e/ou termais; Unidades de conservação; Cavernas, grutas e furnas; Áreas de caça e pesca; Flora e fauna.	Sítios históricos; Edificações; Obras de arte; Esculturas e monumentos; Instituições culturais; Festas e celebrações; Gastronomia típica; Artesanato; Música e dança; Feiras e mercados.	Agropecuária; Extrativismo; Indústria.
Realizações técnica, científicas ou artísticas		Eventos
Parque tecnológico ou industrial; Museu tecnológico; Centro de pesquisa; Usina hidrelétrica/ Barragem/ Eclusa/ Açude; Planetário Aquário, viveiro e zoológico; Exposição técnica ou artística; Ateliê; Jardim botânico.		Congressos e convenções; Feiras e exposições; Realizações diversas.

TABELA 7 Grupos dos atrativos turísticos.

FONTE: Manual de inventário do ministério do Turismo (2006)

Portanto, pode – se constatar que os atrativos turísticos são de extrema

importância no turismo e lazer, e englobam diversas atividades, que se encaixam para todas as pessoas, de todos os gostos e classes sociais, tornando – se acessíveis para muitas pessoas que buscam conhecer novos lugares e obter novas experiências, tendo em vista que cada um participa de tal atividade de acordo com suas condições.

4. O OBJETO DE ESTUDO: MAE

O prédio que hoje abriga o museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFPR é o antigo Colégio dos Jesuítas, uma antiga construção concluída em 1755, teve sua obra iniciada em 1740, porém foi utilizado pelos jesuítas por apenas 4 anos, pois por conta da Lei Pombalina, previa a expulsão de todos os jesuítas que estivessem em território português, então até 1774 o prédio foi o palácio do governo, 1827 foram feitas reformas necessárias pois o prédio estava abandonada, então serviu de alfandega, e a partir de 1832 abrigou o quartel. Em 1952 passa por um restauro e passa a abrigar o museu e em 1970 é firmado um convenio entre o município e a UFPR.(KUCZKOWSKI, A.; KUCZKOWSKI, F., 2010, p. 129).



FIGURA 2: Museu de arqueologia e etnologia de Paranaguá – PR.
FONTE: As autoras (2014)

O entorno em que um prédio ou monumento está localizado, pode mudar a concepção da pessoa que está vendo e por isso, alguns cenários nem sempre são mostrados em sua totalidade. O MAE está localizado no centro histórico da cidade

de Paranaguá, na rua XV de novembro, nº 575, próximo ao mercado municipal, a rodoviária e o Aquário.

Pode – se observar na figura 3, que o museu está localizado entre as ruas VX de novembro onde fica a entrada do museu e a Rua General Carneiro onde tem uma porta que acesso à saída.

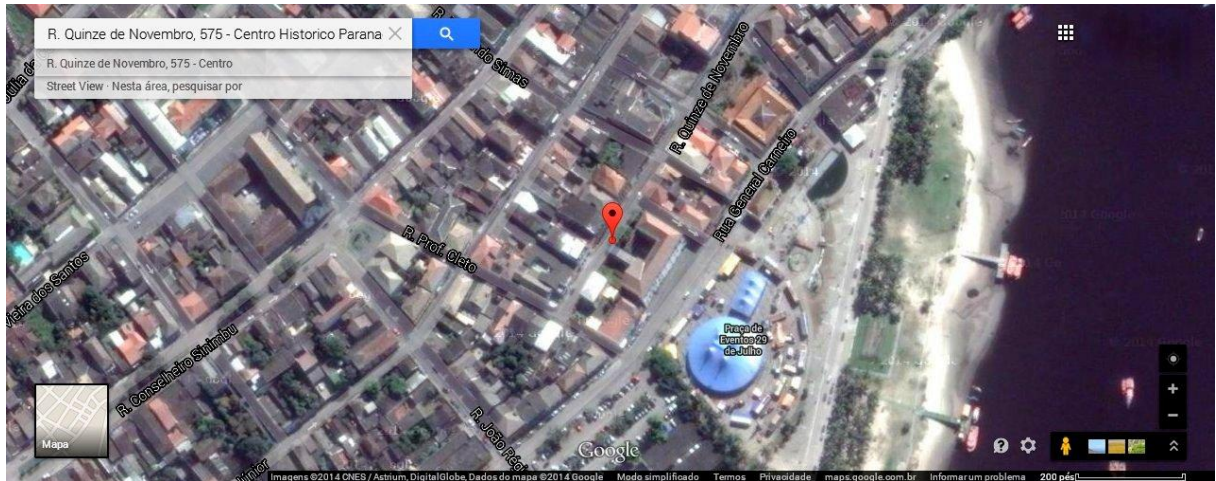


FIGURA 3: Imagem aérea do museu

FONTE: Google Maps, 2014.

Nas imagens abaixo, as ruas de paralelepípedo no entorno do museu, que possui esse material por fazer parte do centro histórico da cidade. Nota – se que existem rampas de acesso na calçada que dá acesso a entrada do museu, porém, a calçada que dá acesso a saída do museu não possui rampas.

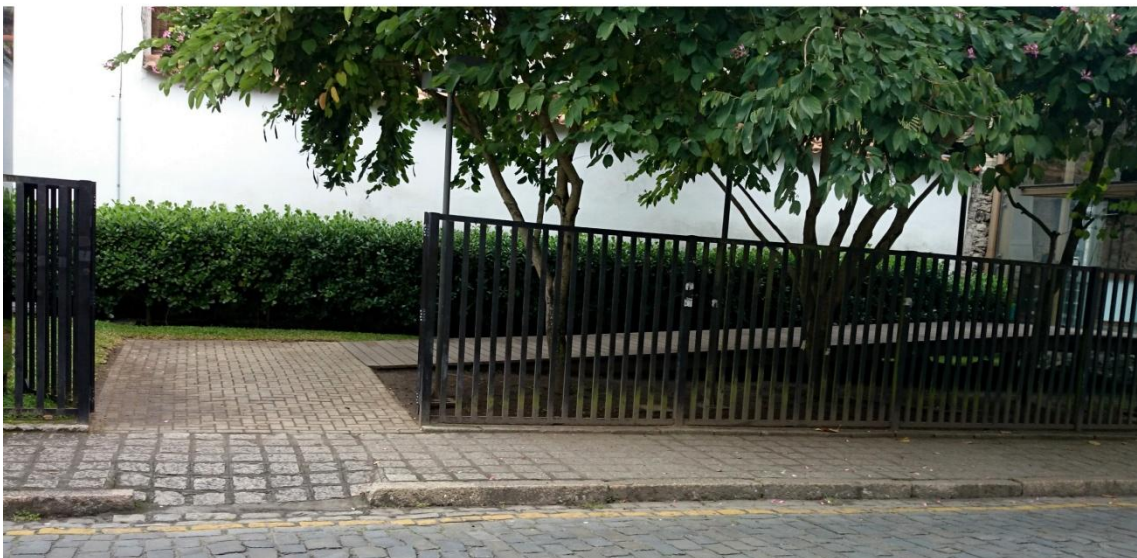


FIGURA 4: Entrada do MAE
FONTE: As autoras, 2014.

Na imagem 4, pode-se observar que há rampa de acesso na calçada da frente do museu e comparando com a imagem 5, observa-se que não há rampa na calçada da saída do museu.



FIGURA 5: Saída do museu
 FONTE: As autoras, 2014.

O museu não possui estacionamento, por isso as pessoas que o visitam estacionam seus veículos nas proximidades do mesmo.

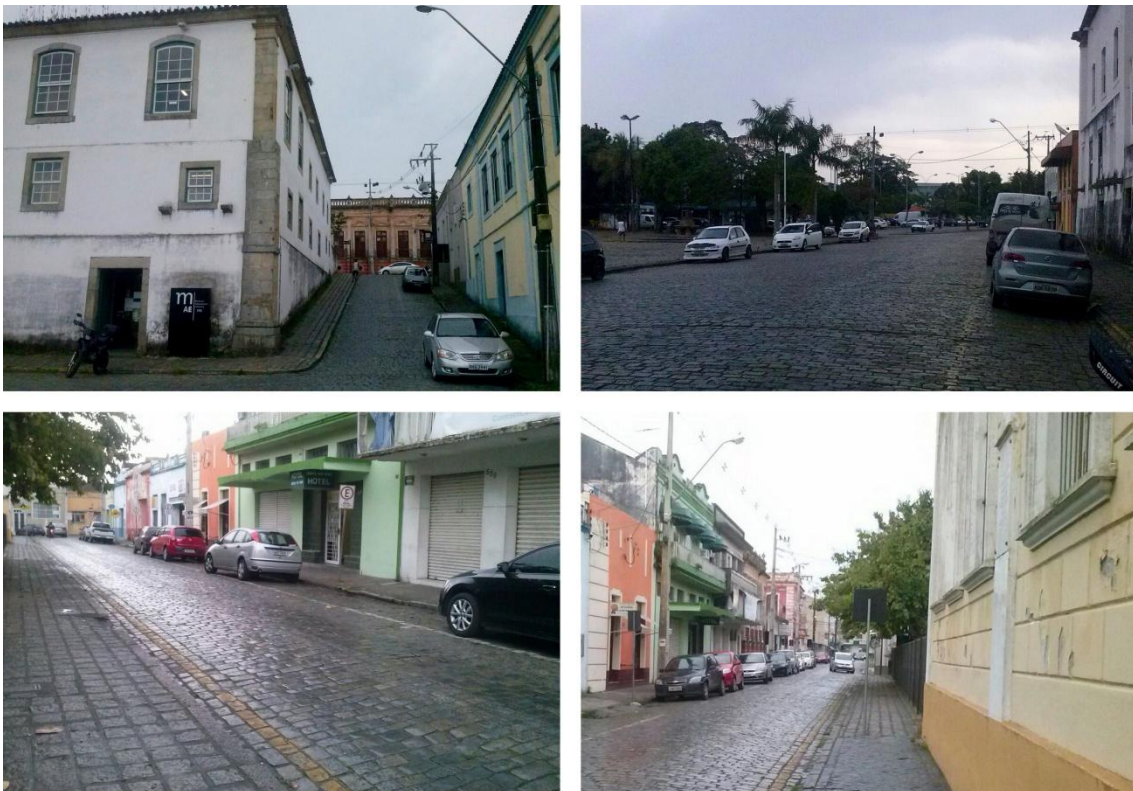


FIGURA 6: Ruas do entorno do museu
 FONTE: As autoras, 2014.

Conforme verifica-se na figura 6, o MAE encontra-se em uma região central, de fácil acesso para veículos pequenos, como carros, vans e micro-ônibus, os ônibus não tem acesso a essa rua por ser estreita e a descida muito íngreme, porém como ele está próximo a outros atrativos como o aquário, a casa cultura, a praça 29 de julho e entre outros mais situados no centro, o trajeto pode ser feito a pé.

Das janelas traseiras do MAE, que encontram – se de frente com a praça 29 de julho, local onde se realiza muitas festas da cidade e com o Rio Itiberê, observa-se uma das mais belas paisagens da cidade de Paranaguá e o acento que as janelas possuem nas laterais são aproveitadas pelos visitantes para sentar e prestigiar a paisagem com a brisa que vem do mar.



FIGURA 7: Janela do museu
FONTE: As autoras (2014)



FIGURA 8:Foto tirada da janela do museu
FONTE: As autoras (2014)

Na figura 8 pode observar a vista das janelas dos fundos do museu, um belo cenário da praça 29 de julho e da baía Paranaguá.

4.1 Análise do MAE

Para elaboração da presente análise foi realizada uma visita técnica e registros fotográficos, através destes, pode-se dizer que o prédio com três andares em estilo colonial possui 1.726,60 m². No pavimento térreo possui duas salas para exposições, instalações sanitárias feminino, masculino e para cadeirantes, bebedouro e três escadas que dão acesso ao primeiro pavimento. O Museu possui também um sistema de prevenção de incêndio em todo o seu interior. No térreo há três extintores, dois hidrantes, e um sistema que quando acionado distribui água por um cano no teto para apagar o fogo, esse sistema é encontrado em todo o interior do prédio, além de lâmpadas de emergência.

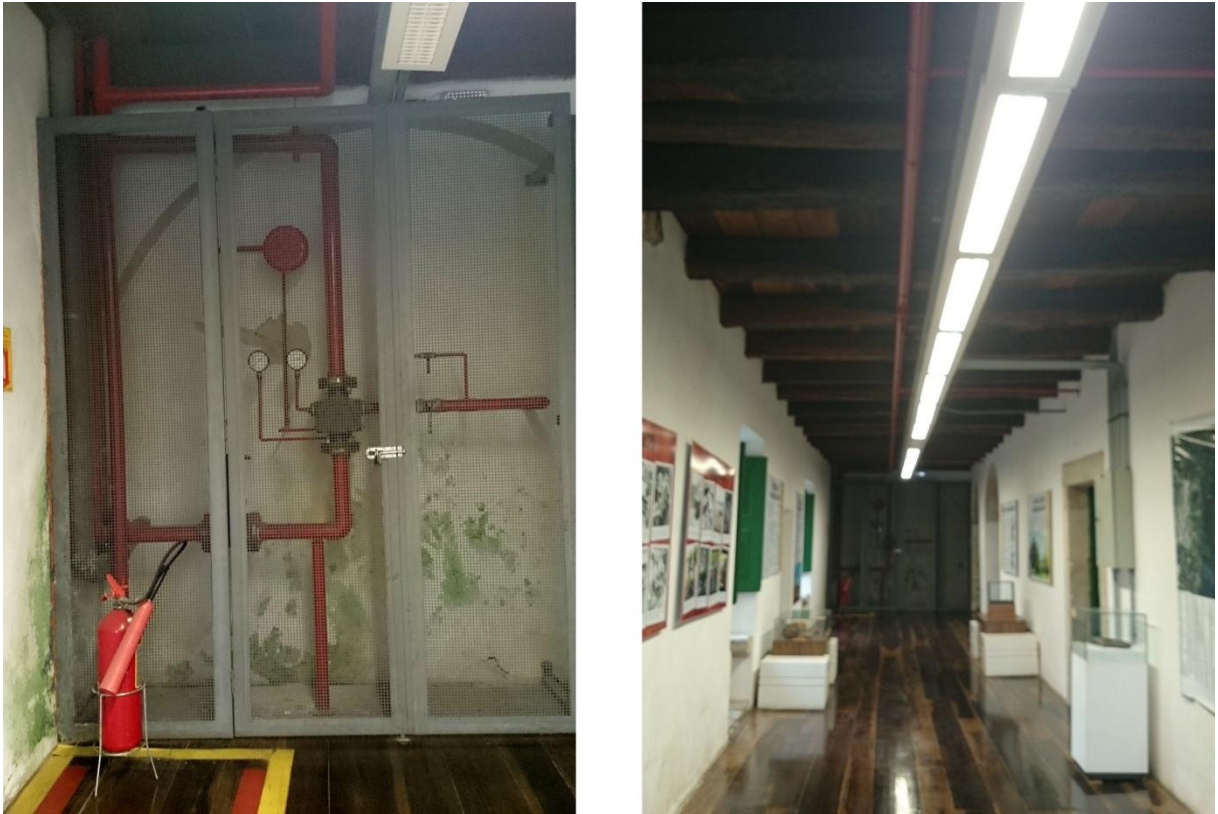


FIGURA 9: Sistema de prevenção de incêndio.
FONTE: As autoras (2014)

No primeiro pavimento há duas escadas que dão acesso ao segundo pavimento e outras duas que dão acesso ao pavimento térreo e quatro salas para exposições. No segundo pavimento há quatro salas sendo uma da administração, uma para ação educativa e duas para exposição, algumas salas que não estão no mesmo nível que o corredor, possuem rampas de acesso, todas as escadas possuem corrimão e fitas antiderrapantes, há um elevador logo após a recepção para facilitar o acesso aos três andares.



FIGURA 10: Uma das salas do museu com a exposição “África”
FONTE: As autoras (2014)

Ao analisar as informações obtidas durante a pesquisa em campo, pode-se observar que existe uma preocupação em relação a acessibilidade, e através desta, procuramos saídas para melhorar a qualidade da visita promovendo a integração social dos diversos grupos atendidos fortalecendo assim a capacidade de reinserção e participação social de forma dinâmica e interativa.

4.2 Resultado e análise da pesquisa realizada no museu

Para melhor conhecimento sobre os visitantes e suas opiniões, foi elaborado um questionário (ANEXO) com 9 questões, as 4 primeiras foram criadas para conhecer o perfil dos visitantes, as restantes foram sobre o tema do trabalho, para saber se eles o conheciam e a opinião sobre o mesmo em relação ao museu, portanto a questão de número 5 foi criada para saber se os visitantes conheciam o termo acessibilidade, após isso era interessante saber o que o tema significava para cada um, para então saber se estavam satisfeitos com a acessibilidade encontrada e se para eles o museu está apto para receber pessoas com qualquer tipo de

deficiência, seja ela mental, física, visual ou auditiva, a última questão não foi uma pergunta, e sim uma avaliação dos itens do museu em relação ao tema, os itens avaliados foram: o elevador, as escadas, rampas, salas, banheiros, informativos, atendimento e a sinalização, eles foram avaliados como: bom, regular, ótimo ou ruim. A pesquisa contou com um total de 30 voluntários entre eles homens e mulheres com idades variadas.

Para auxiliar na análise e tabulação dos dados obtidos nos questionários, foram elaborados 6 gráficos que podem ser observados a seguir. O gráfico 1 mostra as cidades de origem dos visitantes, sendo 36,6% moradores de Paranaguá, e os outros 63,4% são turistas de várias cidades, observa-se que o maior número de turistas são de Curitiba (16,6%) e o segundo maior número 13,3% de Pinhão, pois no momento em que a pesquisa era realizada chegou um grupo escolar da cidade de Pinhão com 8 adultos e 22 crianças.

O Gráfico 1 mostra as cidades de origem dos visitantes, sendo 36,6% dos moradores de Paranaguá, e os outros 63,4% são turistas de várias cidades.

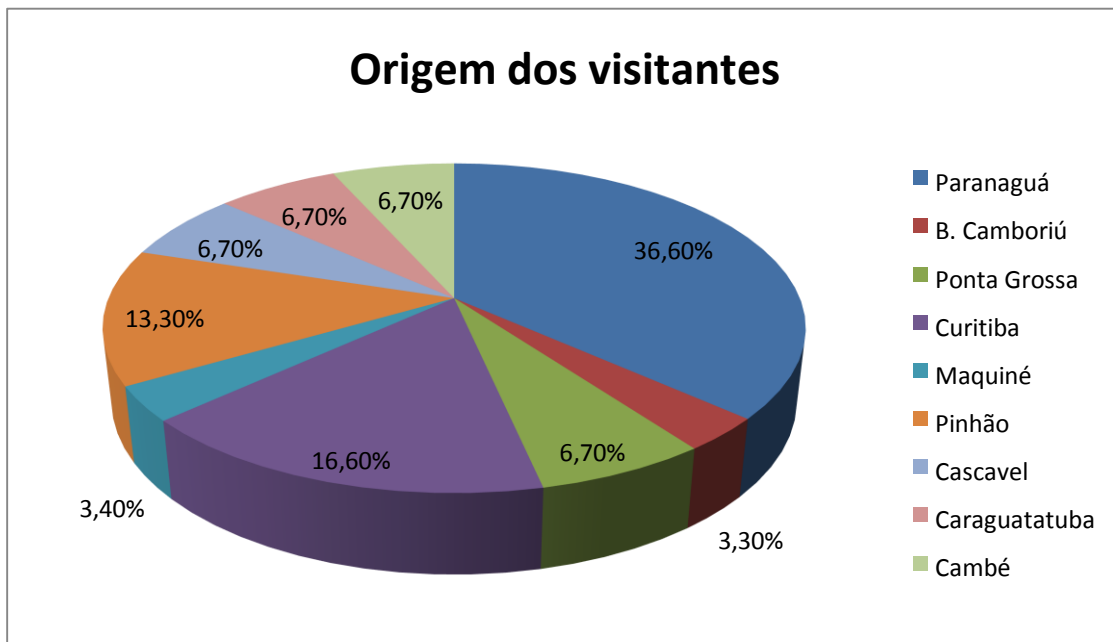


GRÁFICO 1: A origem dos visitantes do Museu
 FONTE: As autoras (2014)

Os próximos gráficos (02, 03 e 04) mostram o gênero, idade e grau de instrução (nível de ensino) dos entrevistados, e pode-se observar que 43,3% dos

entrevistados eram homens sendo 1,3% deles deficiente visual, e 56,7% eram mulheres, ambos com idades entre 8 e 62 anos.

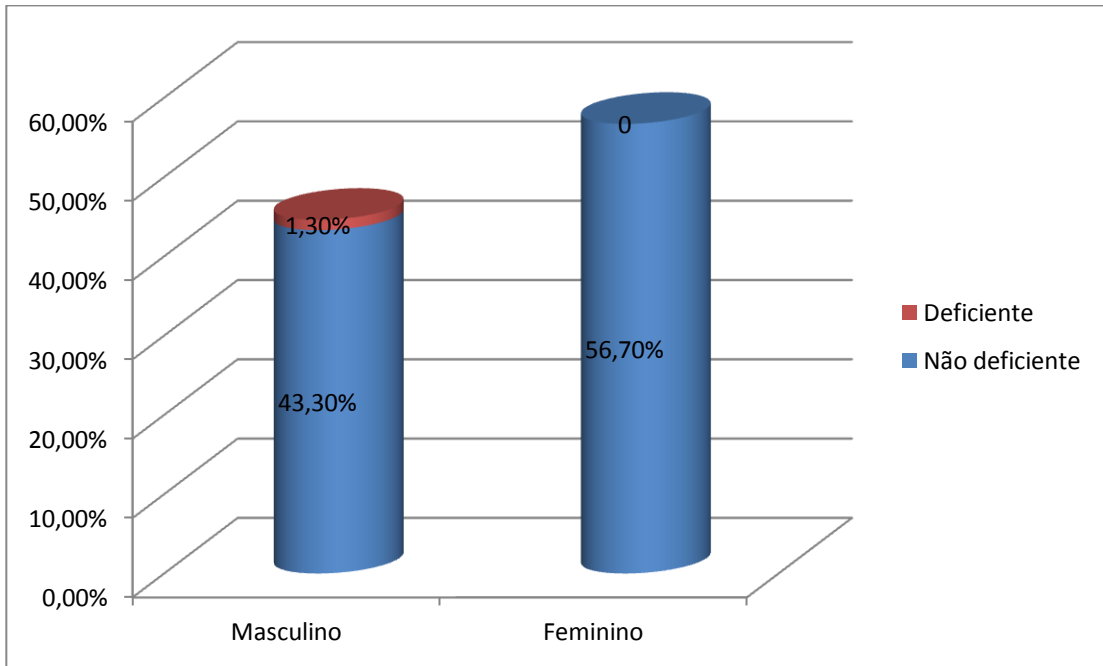


GRÁFICO 2: Gênero dos visitantes entrevistados e quantos deles possuem algum tipo de deficiência.

FONTE: As autoras (2014)

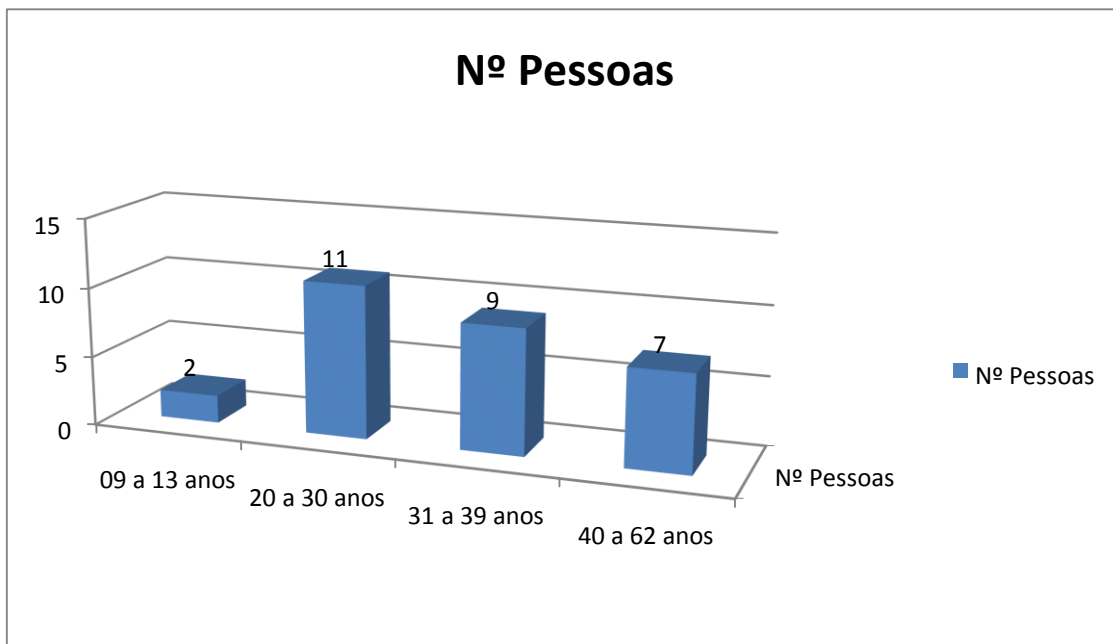


GRÁFICO 3: Idade dos visitantes que responderam a pesquisa.

FONTE: As autoras (2014)

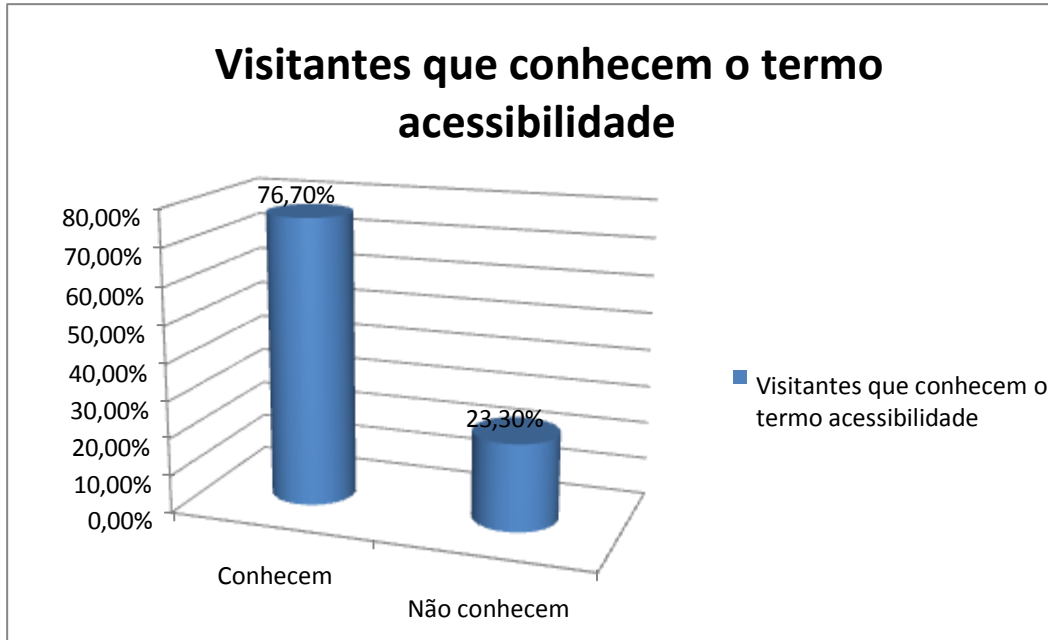


GRÁFICO 4: Relação dos visitantes que conhecem e não conhecem o termo acessibilidade.

FONTE: As autoras (2014)

Para as pessoas que disseram conhecer o termo acessibilidade foi perguntado o que essa palavra significava para elas, e as respostas recebidas foram semelhantes: “fácil acesso”, “direito que todos tem”, “qualquer pessoa que tem qualquer problema para acessar qualquer coisa”, “pessoas com problemas terem acesso a tudo como nós”, “qualquer pessoa ter a possibilidade de ir e vir sem restrições ou dificuldades”, “o acesso ao alcance de todos”.

O gráfico 5 mostra o grau de satisfação com a acessibilidade do Museu e se o mesmo está apto para receber pessoas com deficiência visual, auditiva, física ou mental e conforme pode-se observar, 76,7% dos entrevistados disseram estar satisfeitos com a acessibilidade do museu e 23,3% não estão satisfeitos, na opinião de 43,4% o museu está apto para receber pessoas com qualquer tipo de deficiência, já para 56,6% ele não está apto, segundo eles por faltar material em braile, falta de monitores capacitados para auxiliar na visita das pessoas com deficiência auditiva e visual.

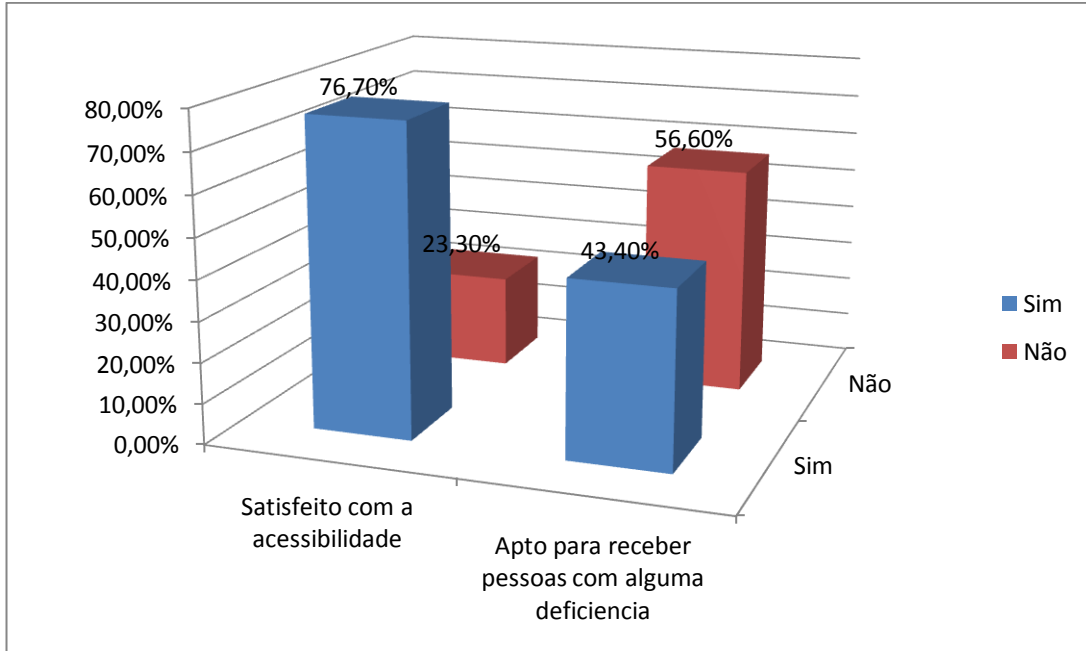


GRÁFICO 5: Se os visitantes estão satisfeitos com a acessibilidade no museu e se o mesmo está apto para receber deficientes.
 FONTE: As autoras (2014).

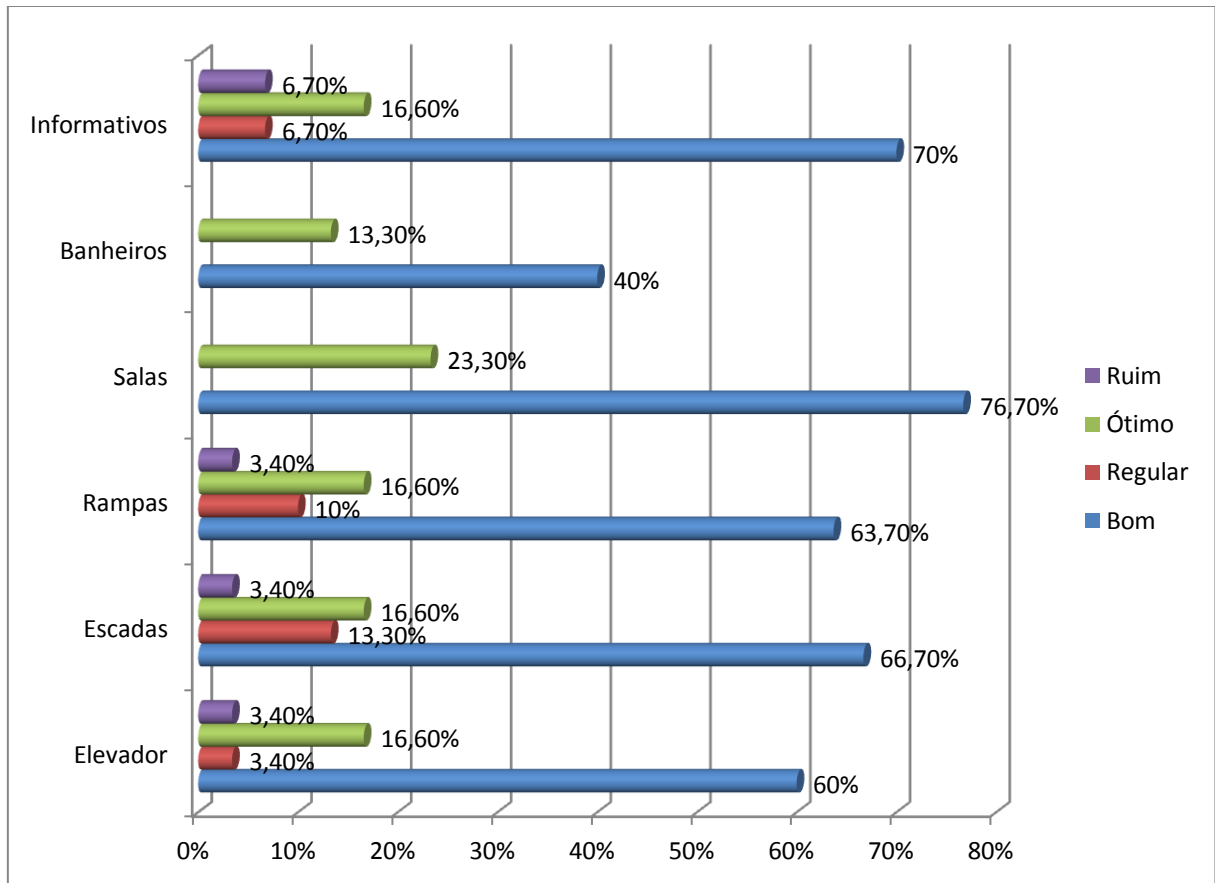


GRÁFICO 6: Avaliação dos itens do museu em relação a acessibilidade.
 FONTE: As autoras (2014)

O gráfico 6 mostra o resultado da avaliação feita com os visitantes no museu, o primeiro item a ser avaliado foi o elevador, 60% das pessoas o avaliaram como bom, 16.6% como ótimo, 3.4% como regular, 3.4% como ruim e 16.6% não opinaram, o item seguinte foram as escadas, 66.7% das pessoas avaliaram como boas, 13.3% como regulares, 16.6% como ótimas e 3.4% como ruim, as rampas foram o terceiro item e 63.7% das pessoas avaliaram como boas, 16.6% como ótimas, 10% como regulares, 3.4% como ruins e 3.4% não opinaram, o próximo item foram as salas, elas foram avaliadas como boas por 76.7% das pessoas e como ótimas por 23.3%, o próximo item foram os banheiros, porém, poucos visitantes chegaram a ir até ele, 40% das pessoas avaliaram como bom e 13.3% como ótimo, e 46% não opinaram, o item seguinte foram os informativos, foram avaliados como bom por 70% dos visitantes, como ótimo por 16.6%, como regular por 6.7%, como ruim por 6.7%, o atendimento foi o penúltimo item a ser avaliado e 66.6% pessoas o avaliaram como bom, 30% como ótimo e 3.4% das pessoas não opinou, e o último item avaliado foi a sinalização no interior do museu, 73.4% das pessoas avaliaram como boa, 6.7% como ótima, 10% como regular e 10% como ruim.

4.2.1 Escadas

As escadas ligam os pavimentos dentro do museu, são úteis para a locomoção das pessoas entre um pavimento e outro. Com as visitas e as pesquisas pode-se observar que muitas pessoas possuem dificuldades ao subir e descê-las, por isso necessitam de corrimões e antiderrapantes para se apoiar e não escorregar, tendo mais segurança e correndo menos risco de sofrer um acidente.

O museu possui um total de dez escadas, sendo 3 em cada pavimento e uma pequena na entrada, observa-se na figura 2 que algumas são bastante íngremes, porém, todas possuem antiderrapantes e corrimões que contribuem como peças fundamentais para a segurança de todos.

Na pesquisa feita dentro do museu, com seus visitantes 16.6% acham que todas as escadas estão em ótima condição para atender a pessoas que visitam o museu, 66.7% acham que estão boas, 13.3% acham regular e 3.4% acham que estão ruins.

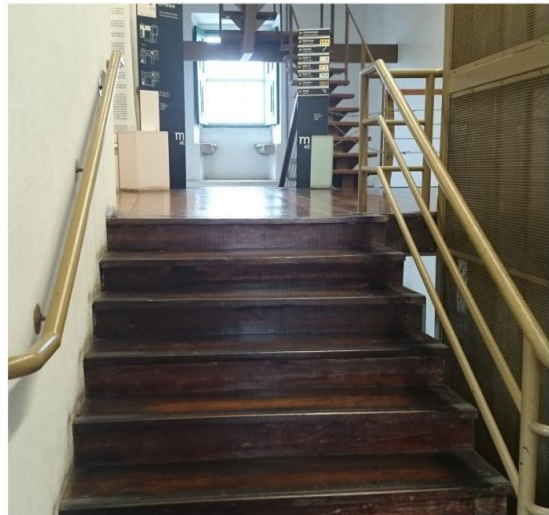


FIGURA 11: Escadas do museu.
FONTE: As autoras (2014)

4.2.2 Sinalização



FIGURA 12: Placas de sinalização dentro do museu.
 FONTE: As autoras (2014)

A sinalização tanto dentro como fora de um determinado local é uma importante ferramenta de comunicação visual. Uma boa orientação atende o maior número possível de pessoas, pois, pequenos detalhes na orientação ao visitante podem fazer a diferença na visita em um museu. Na figura 3 é possível ver as placas de sinalização existentes dentro do museu, as quais foram muito elogiadas pelas pessoas entrevistadas, pois 73,4% dos entrevistados avaliaram como boa, 6,7 como ótima e somente 10% como regular e 10% com ruim. Entre os entrevistados, houve apenas uma reclamação na questão da sinalização, ou seja, a falta de sinalização em braille para deficientes visuais.

4.2.3 Banheiros

A figura 4 mostra os três banheiros do museu sendo um masculino, um feminino e um exclusivo para portadores de deficiência para ambos os sexos, todos em ótimo estado e limpeza. Com aprovação de todas as pessoas que utilizaram os mesmos. 46,7% dos entrevistados não opinaram por não utilizarem durante a visita, 53,3% foi o total de entrevistados que chegaram a ir até os banheiros e deles 40% avaliaram como bom e 13,3% como ótimo.



FIGURA 13: Banheiros do museu.
FONTE: As autoras (2014)

4.2.4 Rampas

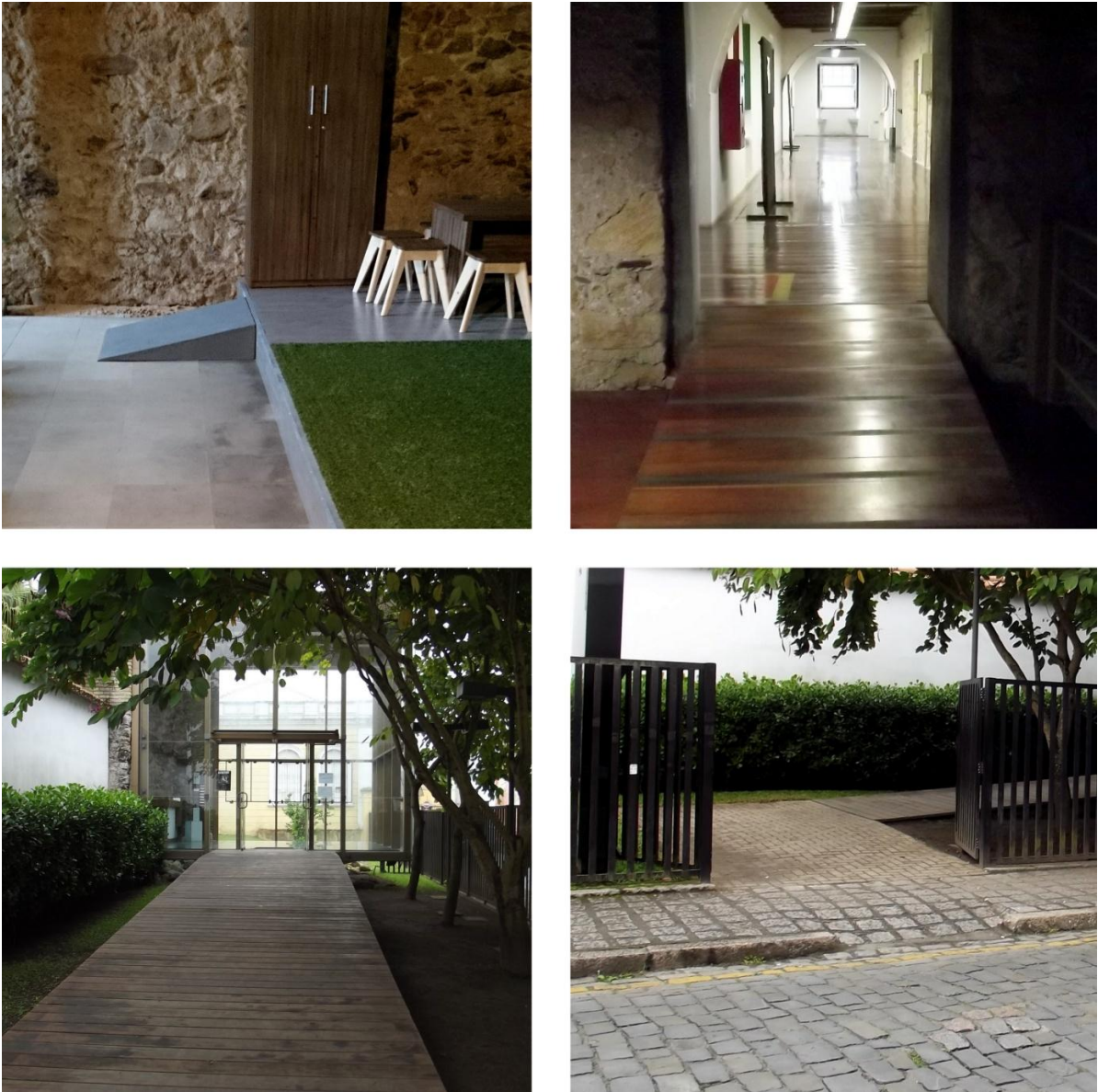


FIGURA 14: Foto das rampas de acesso dentro e na entrada do museu.
 FONTE: As autoras (2014)

As rampas mostram ser são estruturas de grande importância para pessoas que utilizam cadeira de rodas, carrinho de bebe, que tem dificuldade em se locomover, entre outros fatores que o impossibilitem de subir um degrau.

Na figura 5, observamos as rampas de acesso dentro e fora do museu, neste aspecto o museu atende as expectativas de pessoas portadoras de necessidades especiais, pois todos os obstáculos que o elevador não facilita o acesso possuem rampas, tanto na calçada, como na porta que dão acesso a

entrada do museu. Faltando apenas corrimões que facilitem a segurança na subida e na descida das rampas dentro do museu.

4.2.5 Informativos

O museu é um lugar onde encontramos informativos que contam histórias de coisas que já aconteceram, mostra as informações necessárias sobre determinado assunto ou objeto. No museu os informativos foram avaliados em 16.6% que disseram que estão ótimos, 66.7% bons, 6.7% regulares, 6.7% acham que estão ruins. Neste caso é evidente a falta de informativos em braile para pessoas com deficiência visual, pois, o braile é o principal instrumento de leitura e escrita para as pessoas cegas em todo o mundo e sem um acompanhamento de guia é impossível o mesmo obter conhecimento dentro do museu.

4.2.6 Salas

O museu possui um total de 10 salas, distribuídas em três pavimentos, sendo uma da administração e outras para exposições.

No interior das salas encontram-se espaços de fácil locomoção, conforto para as pessoas que as visitam, lugar limpo e arejado.

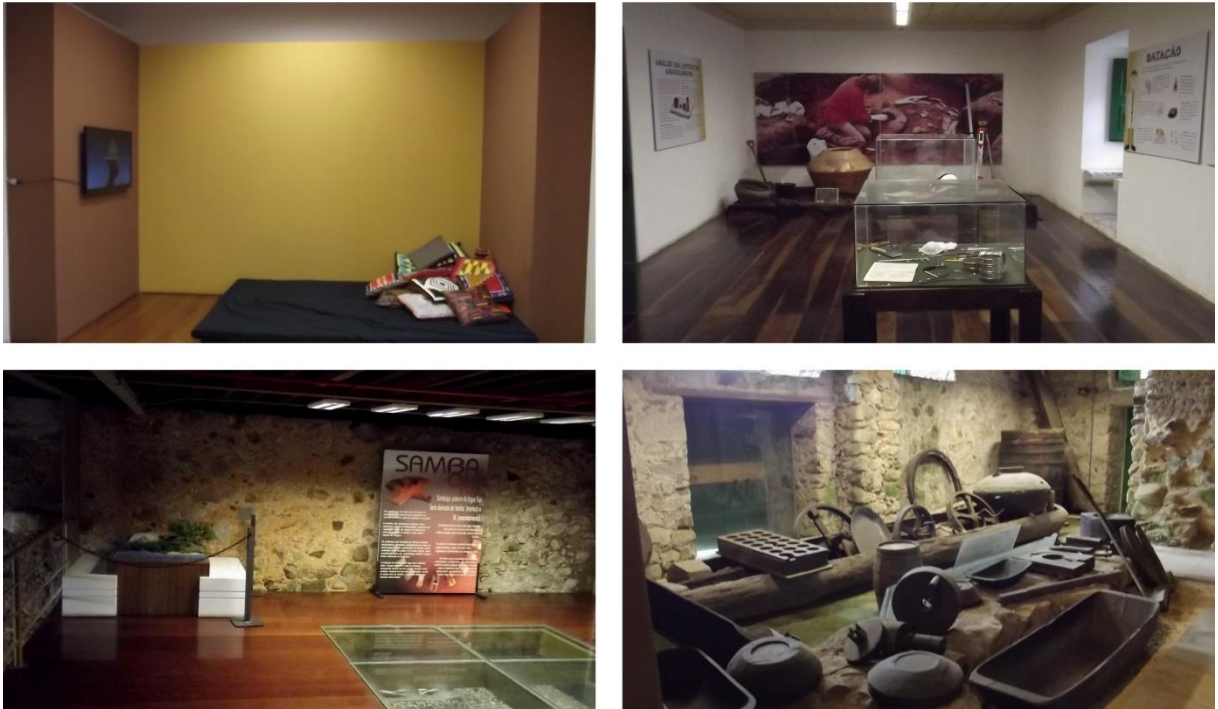


FIGURA 16: Fotos das salas do museu.
FONTE: As autoras (2014)

4.2.7 Elevador

Conforme observado com a pesquisa e a visita técnica o elevador é um meio de locomoção de grande importância para facilitar o acesso e o deslocamento de pessoas com mobilidade reduzida ou necessidades especiais.

O museu possui um único elevador que atende a todas as pessoas que dele necessitam. A pesquisa mostra que o mesmo atende as expectativas dos visitantes, pois 60% dos entrevistados o avaliaram como bom e 16,6% como ótimo e somente 3,4% como regular e 3,4% como ruim e os outros 16,6% não opinaram.



FIGURA 17: Elevador do museu.
FONTE: As autoras (2014)

As escadas contêm corrimãos para garantir a segurança de quem está subindo ou descendo, mas segundo a NBR 9050 (2004), “é recomendável que os corrimãos de escadas e rampas sejam sinalizados através de anel com textura contrastante com a superfície do corrimão, instalado 1,00 m antes das extremidades” e tenham “sinalização em Braille, informando sobre os pavimentos no início e no final das escadas fixas e rampas, instalada na geratriz superior do prolongamento horizontal do corrimão”, porém nas do museu não contém essas sinalizações táteis, e as rampas não possuem corrimão, as sinalizações observadas na figura 3, não tem utilidade aos deficientes visuais, pois não contem as informações em braille, para eles seria mais útil um plano ou mapa tátil em superfícies horizontais ou inclinadas instalados a uma altura entre 0,90 m e 1,10 m, um caminho tátil ao longo do percurso seria importante também, porém, não apenas no interior do museu, mas em seu exterior, pois nas calçadas que dão acesso ao

prédio, eles também são inexistentes. As informações sobre as exposições conforme, deveriam ser encontradas também em braile ou em áudio, mas conforme mostra a figura 6, as informações estão apenas na escrita normal, e não foi encontrado informativo em áudio ou braile, nenhum informativo aos deficientes visuais. As salas são de fácil acesso, mas comentado anteriormente, falta o sinalização direcional tátil, pois o deficiente poderia se chocar com os objetos das exposições, um cadeirante consegue se locomover sem dificuldade, pois há espaço suficiente para manobrar a sua cadeira, conforme observa-se na figura 7, o único fator que os limita é a chegada até a janela, pois há um pequeno degrau e dois bancos em pedra que os impedem de chegar e contemplar a maravilhosa vista que se dá a baía de Paranaguá. O banheiro está devidamente adaptado, assim como o elevador, não há o que impeça seu uso.

Com base nessas informações, observa-se que o museu ainda precisa de melhorias, a acessibilidade dele precisa ir além dos deficientes físicos e pessoas com mobilidade reduzida, apesar da pesquisa mostrar que entre os 30 entrevistados apenas 1 era deficiente visual, não significa que em outros dias não apareçam por lá um número maior de visitantes que tenham outros tipos de deficiência, através de visitas realizadas antes mesmo de dar início ao presente trabalho, foi observado grupos de idosos, grupos escolares onde em um mesmo grupo haviam 1 criança com deficiência mental e outra com deficiência física e grupos onde possuíam pessoas com deficiência visual ou auditiva, portanto é de grande importância que o museu receba as adaptações necessárias para receber pessoas com outros tipos de deficiência, e é de grande importância também que os estagiários monitores que trabalham lá recebam capacitação necessária para guiarem os visitantes com deficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A limitação do estudo se deu pela dificuldade de encontrar livros cujo tema fosse ligado a temática escolhida para o presente trabalho.

O objetivo específico deste trabalho foi identificar os fatores que limitam e facilitam a acessibilidade no MAE, com base nisso observou-se a importância dessa investigação para identificar as deficiências na estrutura física de um espaço público, bem como nos acessórios de divulgação e marketing interno do mesmo.

A pesquisa constatou que no MAE já existem avanços consideráveis em relação à acessibilidade, pois possui rampas de acesso na calçada que dá acesso à entrada do museu, na porta de entrada, e nos locais dentro do museu que possui algum tipo de obstáculo. Possui também elevador, banheiro adaptados para deficientes, corrimões e antiderrapantes nas escadas.

Contudo, alguns dos itens pesquisados não apresentaram acessibilidade adequada quanto ao uso para deficientes visuais e auditivos, como na falta de sinalização e informativos em braile, além da falta de pessoas capacitadas na linguagem de sinais para atendimento de deficientes surdos.

Como prosseguimento dessa investigação será comunicar a Direção do Museu para apresentar as conclusões dessa pesquisa e sugerir que sejam implementadas as modificações na sinalização e nos informativos em braile, bem como, na contratação de um profissional capacitado em LIBRAS. O resultado da pesquisa com os entrevistados apontou como esses as principais deficiências ainda presentes no MAE.

Esses resultados obtidos respondem os questionamentos iniciais sobre as condições de acessibilidade no Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá, verificando que algumas deficiências na acessibilidade são perceptíveis e desvendadas com estudos como este. Entende-se que com essa pequena contribuição acadêmica para a sociedade faz-se cumprir as premissas do Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral.

6. REFERENCIAS

ACESSIBILIDADE BRASIL. **Lei de acessibilidade – Decreto lei 5290**. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/versao_anterior/index.php?itemid=44. Acesso em 12 set 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050. **Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaço, mobiliário e equipamento urbano**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br>. Acesso em: 12 set de 2014.

BADARÓ, R. A. de A. **Direito do turismo: História e legislação no Brasil e no exterior**. 2 ed. São Paulo: Senac, 2002.

_____. **Direito do Turismo: Convergências**. São Paulo: Senac, 2004.

BAHL, M. **Fatores ponderáveis no turismo: Sociais, Culturais e políticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo** 13 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

BRASIL. Decreto n.5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as leis n. 10.048 de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providencias. **Presidência da Republica: Casa Civil: Subchefia para assuntos jurídicos**, Brasília, DF, 2 de dez de 2004. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>

_____. Embratur. **Manual de recepção e acessibilidade de pessoas com deficiência a empreendimentos e equipamentos turísticos**. Brasília: Embratur, 2001. Disponível em: <http://www.mt.gov.br>. Acesso em: 18 set 2014.

_____. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

_____. Ministério do turismo. **Manual do Pesquisador – Inventário da Oferta Turística: Instrumento de pesquisa**. Brasília: Ministério do turismo, 2006.

BOITEUX, B. **Legislação de turismo. Tópicos de direito aplicados ao turismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Alínea, 2002.

- DISCHINGER, M.; BINS ELY, V. H. M. **Promovendo acessibilidade nos edifícios públicos: guia de avaliação e implementação de normas técnicas.** Santa Catarina: Ministério Público do Estado, 2006.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer.** 3.ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008.
- FERRAZ JÚNIOR, T. S. (1988). **Introdução ao estudo do direito.** São Paulo: Atlas.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa** 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FERREIRA, V. H. M. **Teoria geral do turismo:** livro didático. 2ª ed. Re. Palhoça: Unisul Virtual. Disponível em: <busca.unisul.br/pdj/88287_Victor.pdf>. Acesso em 09 out 2014.
- HENRIQUE, H. de L.; LIMA, I. S. M. **Responsabilidade Social do turismo na inclusão da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.** In: BAHL, Miguel (Org.). Turismo com responsabilidade social. Congresso Brasileiro de Turismo. São Paulo: Roca, 2004.
- IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo.** 2 ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.
- KUCZKOWSKI, A. C. P. P.; KUCZKOWSKI, F. R. **Curso de capacitação para portadores de Serviço Serra Verde Express:** Guia de Turismo – Trem das Montanhas Capixabas. Curitiba: Serra Verde Express, 2010.
- LAGES, S. R. C.; MARTINS, R. **Turismo inclusivo: A importância da capacitação do profissional de turismo para o atendimento ao deficiente auditivo.** Estação científica. Juiz de Fora, n. 3, p. 9, 2006. Disponível em: [http://www4.unirio.br/museologia/textos/EC0_TURISMO_INCLUSIVO_acess\[1\]](http://www4.unirio.br/museologia/textos/EC0_TURISMO_INCLUSIVO_acess[1]). Acesso em: 18 out. 2014.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6.ed. – São Paulo: Atlas 2006.
- LEIPER, N. **Tourism system. Department of Management Systems, Occasional Paper 2.** Massey University, Auckland, Nova Zelândia, 1990.
- MONTEJANO, J. M. **Estrutura do mercado turístico.** São Paulo: Roca, 2001.
- MUSEU E TURISMO: ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO – BRASÍLIA, DF: IBRAM,** 2014.
- PADILLA, O. DE L. T. **El turismo: fenómeno social.** Mexico: Fondo de Cultura Economica, p. 43, 1992.

PAGLIUCA, L. M. F.; ARAGÃO, A. E. de A.; ALMEIDA, P. C. Revista Esc. Enferm: **Acessibilidade e deficiência física: Identificação de barreiras arquitetônicas em áreas de hospitais de Sobral, Ceará.** São Paulo, v. 41, n. 5, p. 581, 2007.

PINTO NIETO, M. **Manual de direito aplicado ao turismo** / Marcos Pinto Nieto. 4ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PIRES, M. J. **Lazer e Turismo Cultural.** 2.ed. São Paulo: Barueri, 2002.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo no Brasil: análise e tendências.** São Paulo: Manole, 2002.

SASSAKI, R. K. **Inclusão no lazer e turismo: em busca da qualidade de vida.** São Paulo: Áurea, 2003.

SWARBROOKE, J. **The development and management of visitor attractions.** Ed. Butterworth – Heinemann, Oxford, 1995.

7. ANEXOS

Questionário aplicado

Questionário destinado à obtenção de dados para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso das alunas Isabele e Isabelly, graduandas do Curso de Tecnologia de Gestão de Turismo, turma de 2010, da Universidade Federal do Paraná, Setor do Litoral.

1. Cidade Onde mora: _____
2. Gênero:

<input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Feminino
------------------------------------	-----------------------------------
3. Idade: _____
4. Grau de instrução:

<input type="checkbox"/> Básico	<input type="checkbox"/> Superior incompleto
<input type="checkbox"/> Fundamental	<input type="checkbox"/> Superior completo
<input type="checkbox"/> Médio	<input type="checkbox"/> Pós-Graduação
5. Você conhece o termo acessibilidade?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------
6. O que é acessibilidade para você?

7. Você está satisfeito com a acessibilidade do Museu?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não Por que?
------------------------------	---------------------------------------
8. Você acha que o museu está apto para receber pessoas com deficiência mental, física, visual ou auditiva?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não Por que?
------------------------------	---------------------------------------
9. Avalie os itens do museu em relação à acessibilidade: Bom, Regular, Ótimo e Ruim.

Elevador	B – R – O – R
Escada	B – R – O – R
Rampa	B – R – O – R
Salas	B – R – O – R
Banheiros	B – R – O – R
Informativos	B – R – O – R
Atendimento	B – R – O – R
Sinalização	B – R – O – R